

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

24 de Maio de 2022

ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ / 2009

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização e Argumento: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho, Quintino Bastos, Diana Meireles, Pedro Manzoni *Montagem:* Vítor Alves *Mistura de som:* Tiago Matos *Pesquisa de imagens de arquivo:* Lurdes Taborda, Pedro Duarte *Músicas:* Jean Renard – Frank Gerald (Le Premier bonheur du jour), Os Mutantes (Panis et Circences), Hugh Hopper – Robert Wyatt (Blimey O’Riley); Claude Debussy (Jeu d’eaux); André Jolivet (Cinq Incantations pour Flûte Seule IV); Matthias Ziegler (Ballade) *Imagens dos filmes:* SEM TÍTULO (1968), CHÃO DE CIMENTO (1) (1973), FLORES VERMELHAS (2) (1974), A MÃO (1976), SEM TÍTULO (ATERRO) (1977), SEM TÍTULO (JUNCOS) (1977) de Ângelo de Sousa; UMA VISITA (Ângelo de Sousa, Regina Guimarães, Saguenail, 1993); A IMAGEM E A SUPERFÍCIE (João Matos Silva, 1979) *Fotografias:* André Cepeda, Fotografia Alvão, Frederico Saraiva, Jorge Coelho, José Manuel Costa Alves, José Manuel Vasconcelos, Laura Castro Caldas, Paulo Cintra Gomes, Mário de Oliveira *Assistência de realização:* Joana Frazão *Assistência de imagem:* César Casaca, Lisa Persson, Paulo Menezes *Correção de cor:* Graça Castanheira *Edição e pós-produção de fotografia digital:* Miguel Aguiar *Com:* Ângelo de Sousa, Jorge Silva Melo (não creditados) *Participação:* Nuno Faria, João Perry.

Produção: Artistas Unidos *Co-produção:* RTP (Portugal, 2009) *Direção de produção:* João Matos, Manuel João Águas *Apoios:* Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Serralves *Colaboração:* Rogério Ceitel Audiovisuais *Primeiras apresentações públicas em Portugal:* 23 de Janeiro de 2010, RTP 2; 13 de Abril de 2010, Panorama (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca Cópia:* ficheiro digital, 4:3, cor, falado em português, 60 minutos.

FOTOGRAFIA | INFÂNCIA | CENÁRIO | ESFEROGRÁFICA / 2010

Quatro curtas-metragens suplementares a ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ montadas a partir dos materiais em bruto do filme por Jorge Silva Melo a fim de serem incluídos como “extras” na edição dvd do filme da Midas Filmes *Cópia:* ficheiro digital, 4:3, cor, falados em português, 23 minutos (duração total).

NOTA

Os quatro “extra”, quatro curtas-metragens suplementares acima identificadas foram programadas na sessão por sugestão de Jorge Silva Melo. Incluímos nesta “folha” a transcrição do texto de Jorge Silva Melo sobre o filme, tal como está disponível na página electrónica dos Artistas Unidos.

Em grande plano, Ângelo de Sousa com uma câmara de filmar encostada ao olho fixa frontalmente a câmara fora de campo que o fixa a ele, logo sujeito de uma vagarosa rotação para a esquerda cortada pelo fundido a negro que introduz o genérico. Pouco mais de dez segundos, e dez segundos que esclarecem a escolha de Jorge Silva Melo no seu sétimo “retrato de artista”. Em ÂNGELO DE SOUSA: TUDO O QUE SOU CAPAZ deixa-se guiar pelo retratado, pela declarada alegria de um homem inquieto, escreveu, possivelmente traduzindo o que sentisse nos vários encontros filmados que mantiveram entre Maio de 2007 e Novembro de 2009. É verdade que os dez segundos do plano de abertura implicam um outro sentido de leitura, apontando a uma dimensão da obra de Ângelo de Sousa (1938-2011) que talvez continue a ser menos imediata que a da pintura, da escultura, do desenho, da fotografia, a que comumente

se associa o seu trabalho artístico. Precisamente a do cinema. (Ainda que a noção do espírito experimentalista e convivência de disciplinas na obra de Ângelo de Sousa seja consensual ou que Serralves lhe tenha dedicado, em 2001, uma segunda exposição antológica, *Sem Prata*, concentrando-se nos seus trabalhos em fotografia e filme depois da *Antológica* de 1993, de que há breves imagens neste filme).

No domínio que se convencionou chamar cinema experimental, Ângelo de Sousa, que gostava de cinema e, nos anos 1950/60 do cineclubismo, cultivou a cinefilia no Porto onde assentou em 1955 vindo de Moçambique, realizou pequenos filmes, imagens que revelam a sensibilidade do olhar como as que participam da matéria deste seu retrato. Cintilam nos excertos de SEM TÍTULO, CHÃO DE CIMENTO (1), FLORES VERMELHAS (2), A MÃO, SEM TÍTULO (ATERRO), SEM TÍTULO (JUNCOS), obras de 1968 a 1977, ou do mais tardio UMA VISITA (1993, co-assinado com Regina Guimarães e Saguenail), a par das imagens das suas pinturas e esculturas e fotografias e instalações e das imagens captadas na preparação de exposições várias, de uma inauguração (títulos, locais e datas identificados na imagem, por vezes “de arquivo”), de seis conversas para este filme com Jorge Silva Melo.

Com Jorge Silva Melo? Parece uma inversão dos termos, a favor da tese – voltamos atrás: no plano seguinte ao genérico de abertura, uma escultura do artista num espaço museográfico, a sua voz em *off* dá ordem de comando a Jorge Silva Melo entretanto em campo. “Mexe, mexe. Podes mexer à vontade.” E o realizador Jorge Silva Melo, dirigido pelo artista Ângelo de Sousa, toca e movimenta-se à volta da obra flexível e branca. “Sim, sim.” Portanto, sim, Ângelo de Sousa guia o seu retrato por Jorge Silva Melo. Na abertura do filme encontra-se uma declaração de princípios que, aliás, liga com a escolha de imagens de CHÃO DE CIMENTO no final, filmadas pelo artista em 1973. Várias vezes o vemos de câmara vídeo a cirandar por espaços expositivos, diante de peças suas nos jardins de Serralves ou perto dos canais de Veneza, como é a ele – e quase exclusivamente a ele – quem ouvimos comentar trabalhos, fases, séries, materiais, os motivos das árvores, espelhos e lentes trazidos à conversa por dois raros momentos em que Jorge Silva Melo deixa o rasto do diálogo entre os dois na banda sonora. E vemos-lo, a Ângelo de Sousa, falar em frente a uma estante com filmes, de onde espreita uma lombada Max Ophüls, discorrer sobre maquetes de esculturas que retira de sacos de plástico, falar seriamente com toda a simplicidade do mundo, ter graça, com gosto.

Já o *rosebud* do título é desvendado no final, *All Ich Kann* ou *Tudo o que sou capaz*, diz Ângelo de Sousa quando lhe passam para as mãos já entretidas num cordel vermelho um postal com a reprodução de uma pintura célebre de Jan van Eyck. É *Retrato de Homem com Turbante* (vermelho) datada de 1433 como possível auto-retrato. *All Ich Kann* “É assim um bom motus, uma boa divisa para viver, não é? Faz-se o que se pode, o melhor possível. Tudo o que sou capaz.”

E TUDO O QUE SOU CAPAZ organiza-se como o “catálogo de todas as formas ao alcance de Ângelo” que Jorge referiu a propósito falando deste seu filme-retrato como “um filme *mobile*”, uma “colagem de curtas-metragens”. É a mesma lógica da escolha, para esta sessão, do posfácio das quatro entradas que voltam ao discurso na primeira pessoa do artista em segmentos especialmente dedicados à fotografia (“Um velho profissional da miopia”), à infância (“Ângelo de Sousa nasceu em 1938 em Lourenço Marques, Moçambique. Vive e trabalha no Porto desde 1955.”), a experiências de trabalho cenográfico (“Entre 1962 e 1965, Ângelo de Sousa fez vários cenários para o Teatro Experimental do Porto.”), a uma bela história e “algumas formas ao alcance de todas as mãos” (“Uma esferográfica de todas as cores.”). Um caloroso retrato em forma de catálogo filmado.

Maria João Madeira

Um documentário sobre Ângelo de Sousa, pintor.

Ou antes um filme com Ângelo de Sousa, de tal forma estamos perto da sua colaboração?

Um filme ao sabor de encontros espaçados no tempo (realizámos um primeiro encontro em Maio de 2007, a que se seguiram duas entrevistas em Setembro desse ano, duas em 10 de Maio de 2008, duas em Maio de 2009, filmámos a inauguração da exposição na Quadrado Azul em Novembro de 2009 – aproveitando apresentações públicas de obras, em que pretendemos captar a permanente fixação de um artista que insistiu na elementaridade dos meios, no abandono dos materiais nobres e dos processos complexos de criação.

Ou o retrato de um homem que se quer teimosamente simples, artista que reduziu o seu trabalho às três cores primárias e ao preto e branco, inventando permanentemente novas formas ou alterando as formas em suportes que as dinamizam.

E, tal como a cor, que, a partir dos anos 60, Ângelo vai trabalhando em fatias, camadas como que geológicas, socalcos e contornos, em função de campos e de horizontes, em diferentes graus de fusão e separação, o propósito deste filme será a permanente sobreposição de tempos, gestos, palavras, uma justaposição de momentos e declarações, um riscar cerrado, “curvando e abrindo os espaços de cor, criando cortinas e torrentes vigorosas, o estabelecimento de esquinas pela cor, para a criação de ambiguidades entre o plano e o volume.” (na feliz expressão de Leonor Nazaré).

Um filme sem fim nem princípio – como o trabalho singular de Ângelo de Sousa.

Ângelo de Sousa vive e trabalha no Porto desde os anos 50.

Filmei em Coimbra numa exposição de escultura, em casa (no Porto), no atelier (no Porto), voltei a filmá-lo em Serralves, junto às suas esculturas, em Esmoriz na casa de praia, filmei-o, em Lisboa, falando-me das obras que tem na Colecção Berardo ou na Gulbenkian.

Uma conversa ininterrupta com um homem cordial, extrovertido, divertido, irreverente, bem-disposto, generoso. Ou melancólico?

Inquieto, Ângelo guia-me pela sua sempre declarada alegria, permanente conquista diária das formas simples.

Da mesma maneira que Ângelo pintou, nos anos 70, um “catálogo de algumas formas ao alcance de todas as mãos” (obra-manifesto que se encontra na colecção Manuel de Brito em Algés), este filme organiza-se como um catálogo de todas as formas ao alcance de Ângelo: como se fosse a colagem de 10 curtas-metragens (que poderiam ser vistas separadamente, em ordem inversa... ou na que propusermos, sendo um filme “mobile”...), nunca a apresentação de uma biografia ou mesmo o comentário da obra. Serão talvez fragmentos que não tencionam esgotar a personagem, antes deixá-la fechada em si, rodando sobre si, na sua imparável conquista da alegria.

Nenhuma outra voz que não a do artista; nenhum comentário para além do seu; nenhuma referência a influências, escolas, perspectivas, para além das que ele faz: apenas.

Ângelo, tal como ele quer.

Jorge Silva Melo

texto disponível na página electrónica dos Artistas Unidos